REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 44
MARÇO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

POÉTICAS DO ISOLAMENTO:
EXPERIÊNCIAS EM ARTE E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

RE-SIGNIFICANDO A PRÁTICA DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA: TRANSFORMANDO CASAS EM SALAS DE AULA DE DANÇA

Alessandra Fernandes Feltes[1]
Denise Siqueira Pacheco[2]
Julia Cofferri Herrmann[3]
Aline da Silva Pinto[4]

Resumo: Este artigo tem por objetivo relatar a experiência vivida no período da pandemia do coronavírus em 2020 em uma escola de curso livre nomeada como Maria Bailarina - Centro de Dança do município de Novo Hamburgo/RS. É um estudo de caráter qualitativo com características descritivas que apresenta exposições da análise do trabalho desenvolvido pela equipe de professoras por meio do ensino remoto. Mesmo que a pandemia ainda esteja acontecendo, é possível que este momento aponte para novas perspectivas na prática da dança e nos processos de ensino-aprendizagem no que tange a postura resiliente dos professores e da capacidade criativa daqueles que não mediram esforços para levar a arte para dentro das casas de seus alunos em isolamento social.

Palavras-Chave: Relato de experiência; Dança; Pandemia.

[1]Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade FEEVALE com bolsa CAPES. Graduada no curso de Licenciatura em Educação Física/ Universidade Feevale/RS; Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social/ Universidade Feevale/RS. Pesquisadora da área de Corpo; Dança; Juventudes. Professora de dança contemporânea e sapateado americano na Maria Bailarina Centro de Dança de Novo Hamburgo, além de coreógrafa e bailarina.

[2] Especialista em Ciências do Movimento Humano/Universidade Feevale/RS. Graduada no curso de Educação Física Plena/ Universidade Feevale/RS. Proprietária do Maria Bailarina Centro de Dança de Novo Hamburgo, professora de ballet clássico, dança contemporânea, sapateado americano e dança para a terceira idade, além de coreógrafa e bailarina.

[3] Graduada no curso de Engenharia Civil na Universidade do Vale do Rio dos Sinos/RS e graduanda no curso de Pedagogia na Universidade do Vale do Rio dos Sinos/RS. Professora de baby ballet na Maria Bailarina Centro de Dança de Novo Hamburgo, além de coreógrafa e bailarina.

[4] Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social / Universidade Feevale, Mestre em Educação/ Unilasalle-RS, Especialista em Educação Psicomotora/ FAPA-RS, Formação em Licenciatura Plena em Educação Física/ IPA-RS. Atualmente atua como docente do curso de Educação Física da Universidade Feevale e do Curso de Graduação em Dança: Licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Pesquisadora da área de Corpo e Envelhecimento. É coordenadora do projeto cultural Dançar da Universidade Feevale. Participa do Grupo de Pesquisa "Corpoéticas" da UERGS.

FELTES, Alessandra Fernandes; PACHECO, Denise Siqueira; HERRMANNJulia Cofferri; PINTO, Aline da Silva. Re-significando a prática docente em tempos de pandemia: transformando casas em salas de aula de dança. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-18, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 44
MARÇO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

POÉTICAS DO ISOLAMENTO:
EXPERIÊNCIAS EM ARTE E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

RE-MEANING TEACHING PRACTICE IN PANDEMIC TIMES: TRANSFORMING HOUSES IN DANCE CLASSROOMS

Abstract: This article aims to report the experience lived during the period of the coronavirus pandemic in 2020 at Maria Bailarina - Centro de Dança, a free course school in the city of Novo Hamburgo/RS. It is a qualitative study with descriptive characteristics that presents explanations of the work analysis developed by the team of teachers through remote teaching. Even though the pandemic is still happening, it is possible that this moment points to new perspectives in the practice of dance and in the teaching and learning processes regarding the resilient posture of teachers and the creative capacity of those who did not measure efforts to take art to inside the homes of their students on social isolation.

Keywords: Experience report; Dance; Pandemic.

TRANSFORMANDO MODOS DE PENSAR, CRIAR E DANÇAR

Este artigo tem por objetivo relatar a experiência vivida no período da pandemia do coronavírus[5] em 2020 em uma escola de curso livre nomeada como Maria Bailarina - Centro de Dança do município de Novo Hamburgo/RS, problematizando os desafios e as surpresas dos processos de ensino-aprendizagem nos quais as professoras se envolveram neste momento. É um estudo de caráter qualitativo com características descritivas de um relato de experiência que apresenta exposições da análise do trabalho desenvolvido pela equipe de professores da escola mencionada anteriormente por meio do ensino remoto.

O período do recorte ocorreu do dia 19 de março de 2020 até dia 1 de agosto de 2020, evidenciando diferentes registros e as dinâmicas realizadas pela equipe, enfatizando sobretudo os quatro meses em atividades domiciliares e isolamento social. Ainda, como base desse relato, utilizaremos dois trabalhos produzidos a partir das experiências da escola: um filme documentário[6] intitulado “Como a dança aconteceu em 2020” e o livro, com o mesmo título, financiado com recursos

[5] Classificado como Sars-CoV-2 e causador da doença apresentada como COVID-19.
[6] Documentário disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SFrPEUwq3xU

FELTES, Alessandra Fernandes; PACHECO, Denise Siqueira; HERRMANNJulia Cofferri; PINTO, Aline da Silva. Re-significando a prática docente em tempos de pandemia: transformando casas em salas de aula de dança. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-18, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

provenientes da Lei Aldir Blanc[7] organizado e escrito pela diretora da escola para historiar essa ocasião.

A produção do documentário em vídeo revelando a rotina de diversos bailarinos do Maria Bailarina - Centro de Dança durante a pandemia do coronavírus, em 2020 apresenta desde o cancelamento do espetáculo comemorativo de 20 anos da escola, agendado para 20 de março de 2020, a suspensão das aulas a partir do dia 19 de março, os processos pedagógicos reinventados, os professores por detrás das câmeras, alunos solitários. Tudo foi registrado em vídeo e relatado através de depoimentos de quem viveu diariamente, no isolamento, a batalha para experienciar a dança durante esse ano. Todas as atividades, desde março de 2020, foram documentadas pela equipe da escola, por familiares, pelos próprios alunos, como acervo pessoal. Ainda vivendo a pandemia, surgiu a ideia de selecionar e organizar esses registros, editando todos em forma de um filme documentário e tornando esse material um produto cultural. Uma parte dos esforços, das conquistas, das alternativas e vitórias está reunida em imagens reais, captadas de forma caseira pelos protagonistas da história.

O livro, registro escrito da experiência da dança na pandemia, também surgiu para ser um instrumento que propõe perpetuar a memória de tantas experiências compartilhadas e dançadas por muitos estudantes que viveram a pandemia do coronavírus em 2020. Ambos os trabalhos expõem a história de como a dança sobreviveu ao isolamento na referida escola, ao uso de máscara, ao ensino remoto, às condições adversas em fazer e ministrar aula de dança em (e de) casa.

[7] Esta Lei (LEI Nº 14.017, DE 29 DE JUNHO DE 2020) dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. A iniciativa busca apoiar profissionais da área que sofreram com impacto das medidas de distanciamento social por causa do coronavírus. Ela ficou conhecida como Lei Aldir Blanc, em homenagem ao compositor e escritor que morreu em maio.

Imagem 1 – Capa do livro "Como a dança aconteceu em 2020"



Fonte: Perfil do Instagram da escola[8].

Referente a estes materiais, consideramos que eles são os indícios da necessidade do registro e da construção coletiva vivenciada entre a equipe, a qual por muitas vezes se viu imersa em reuniões e encontros virtuais para planejar, discutir, estruturar e assim produzir os conteúdos que seriam divulgados. O desafio não estava apenas em conhecer o uso de um novo dispositivo, ou ambiente virtual, aplicativo etc., mas, sim, no pensar em como colocar isso em prática, de maneira com que os processos de ensino aprendizagem alcançassem seus objetivos.

Segundo a autora Nogueira (2020), experiências se dão em distintas temporalidades e a partir das relações que os sujeitos estabelecem com o tempo. Nesse sentido, leva-se em consideração a construção dos caminhos percorridos em um dos momentos mais complexos da humanidade no presente século, transformando nossos modos de pensar os processos de ensino aprendizagem para torná-los significativos.

Esta mudança nas instituições de ensino, inclusive nos estabelecimentos de curso livre (categoria em que se inserem as escolas de dança), deu-se quase

[8] Disponível em: https://www.instagram.com/p/CImJYNDpss7/

imediatamente ao surgimento da pandemia, sob as orientações e decretos de fechamento dos espaços educacionais (BARBOSA; VIEGAS; BATISTA, 2020). Como professoras, essa instantaneidade nos leva a refletir sobre os impactos dessa abrupta transformação ao que foi experienciado e a necessidade de criar algo novo em busca do que era emergente para os nossos alunos. Pois por mais que no início tenhamos procurado nos adaptar para estruturar nosso trabalho de forma semelhante ao presencial, percebemos que talvez este não fosse nosso papel naquele momento.

> Em meio à quarentena, portanto, as artes precisaram se adaptar a uma realidade midiática. E, assim fizeram aqueles artistas e educadores que se encontravam preparados para as relações com o ambiente virtual. Inúmeras práticas foram desenvolvidas no sentido de adaptar os compartilhamentos de improvisações musicadas, concertos, shows, exposições de visualidades, contações de histórias, peças teatrais, esquetes cênicos, coreografias, espetáculos de dança e processos de ensino-aprendizagem em artes à realidade digital com o público em geral. (OLIVEIRA et al, 2020, p. 12).

Referente ao contexto apresentado anteriormente, as decisões tomadas foram discutidas e construídas coletivamente e nos possibilitou oportunidades para repensar nossos modelos de aulas presenciais e organizar estratégias que pudessem promover atividades no ensino remoto[9], como também evitar a desistência, o abandono e a perda do vínculo e do interesse de nossos alunos com a prática e conosco. Diante desta realidade consideramos ser de extrema relevância o registro dessas experiências docentes, para considerar discussões não meramente de caráter técnico e operacional, mas aspectos que nós profissionais de dança atravessamos e que ainda estamos emaranhados nesse universo.

[9] Diferentes processos foram utilizados no decorrer do ano, mas a estrutura das aulas variou entre aulas assíncronas (videoaulas encaminhadas por e-mail, por WhatsApp ou postadas no Youtube) e síncronas (encontros que ocorriam através do Zoom).

COMO A DANÇA ACONTECEU EM 2020...

Antes de relatar os passos da experiência em questão, se faz necessário contextualizar brevemente as características da escola e seu público-alvo. A Maria Bailarina no ano de 2020 completou 20 anos de existência, tendo seu reconhecimento na cidade; os participantes são sujeitos de 2 a 81 anos que praticam um ou mais códigos de dança, tais como: ballet clássico, dança contemporânea, sapateado americano e/ou alongamento.

Em face ao contexto pandêmico já explicitado, nosso relato foi marcado por inconstantes transições emergenciais a partir de decretos estaduais e/ou municipais. Nossas aulas passaram por readequações constantes, sendo planejadas em alguns meses quase que semanalmente – primeiramente buscamos ações que pudessem nos aproximar a metodologia utilizada presencialmente criando estratégias para que o nosso trabalho não se desqualificasse pela mudança de realidade.

No entanto, percebemos no decorrer de cada proposta que o nosso envolvimento e o intuito de criar experiências significativas aos nossos alunos nos fez qualificar os processos de ensino-aprendizagem e repensar também o nosso fazer docente – seja no ensino remoto ou de forma presencial. Para exemplificar as experiências tidas no ano de 2020, apresentaremos em ordem cronológica as adaptações necessárias para contemplar a organização e as mudanças das nossas estratégias desenvolvidas.

Nosso trabalho foi fomentado para oportunizar um espaço que os aproximasse de suas capacidades de criação e encontrassem um local de percepção. Referente a esta ideia, Marques (2010a, p. 201) cita que o grande desafio dos professores de dança é, justamente, proporcionar aos praticantes espaços em que se possa conversar, dialogar, problematizar e pronunciar o mundo em seus próprios corpos, como também mediados por eles.

FELTES, Alessandra Fernandes; PACHECO, Denise Siqueira; HERRMANNJulia Cofferri; PINTO, Aline da Silva. Re-significando a prática docente em tempos de pandemia: transformando casas em salas de aula de dança. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-18, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

Submersas a uma realidade já comum em nossas aulas presenciais, nos vimos expostas ao novo contexto que claramente exigiu uma reconstrução de nossos processos de ensino-aprendizagem. A continuidade de nossos trabalhos teve que ser repensada para proporcionar estes espaços que Marques (2010a) menciona um local de encontro entre eles e suas perspectivas, assim se dá o início cronológico de nosso relato.

No dia 18 de março de 2020 a direção da escola encaminhou um comunicado via WhatsApp[10] relatando que as aulas presenciais seriam substituídas por conteúdos e atividades online encaminhadas para cada turma por meio de um grupo no WhatsApp (o qual foi criado especialmente para essa ocasião) com o intuito de dar continuidade a aprendizagem e manter os vínculos (PACHECO, 2020). Assim, o mês de março seguiu com os alunos recebendo as videoaulas criadas e editadas por cada professora – demonstrando e explicando os movimentos que ali seriam executados (os vídeos variaram de 3 a 4 minutos para serem encaminhados sem cortes nos grupos criados). Cada turma recebia em média 3 a 4 vídeos respeitando a estrutura que já se tinha nas aulas presenciais.

O grupo de WhatsApp era um local em que partilhávamos conteúdos e informações complementares (aulas teóricas) que pudessem auxiliar no entendimento dos alunos instigando seus conhecimentos e seus interesses ao que era apresentado a eles. Estávamos usando este espaço como um recurso pedagógico para divulgar tarefas, vídeos, fotos, links, entre outros recursos para manter a proximidade entre nós. Importante ressaltar que as aulas teóricas encaminhadas possuíam seus conteúdos adaptados para cada faixa etária com o intuito de complementar os processos de aprendizagem.

Soares (2018) aponta que a dança está em diversas instâncias culturais e ressalta a facilidade de acesso a vídeos – aplicativos e novas plataformas que

[10] Aplicativo que se tornou ferramenta fundamental para a comunicação entre a escola e os praticantes de dança e suas famílias.

surgem e tornam o seu mundo acessível em alguns cliques. Assim, consolida-se a relevância para explorá-los, seja através de filmes, de entrevistas, de documentários e espetáculos disponíveis no Youtube.

Também, foram criados desafios diários para serem encaminhados a todos os alunos da escola. Eles eram postados no perfil do Instagram da escola e enviados diariamente para cada grupo de WhatsApp para proporcionar uma atividade divertida e prazerosa, que pudesse ser feita ao longo do dia. Exemplos: formar a primeira letra do nome com o corpo, encostar o pé na cabeça, ficar equilibrado em um objeto em uma perna só...

Estes desafios diários nos aproximaram de vários alunos que não realizavam as videoaulas. Talvez por sua simplicidade em executá-los, os alunos se interessavam em participar e realizavam a atividade proposta. Com este mesmo intuito, para complementar as videoaulas de dança contemporânea, a professora de alunos de 8 a 22 anos fazia uma coleta semanal de 5 vídeos, já produzidos e publicados no aplicativo Tiktok[11], para promover o cuidado e o conhecimento do corpo dos dançarinos. Essa foi outra abordagem que se encontrou para os alunos se motivarem a realizar as atividades. Eles se mostraram satisfeitos tanto que por vezes, até envolveram seus familiares.

Nesse período, encaminhávamos muitos materiais e nos víamos enfrentando dois desafios em relação ao processo de aprendizagem do praticante: o primeiro foi a diferença entre os espaços organizacionais e possíveis entre os alunos, tanto das suas rotinas diárias quanto da estrutura física da casa – tivemos famílias que mudaram suas programações para dar suporte e atenção aos seus filhos na hora da prática. No entanto, houve também aqueles que se sentiam impossibilitados para fazer aula por: não conseguirem se organizar com a sua rotina, terem pisos

[11] Aplicativo de mídia para criar e compartilhar vídeos curtos consolidado o aplicativo mais popular na pandemia de Covid-19. Notícia disponível: https://www.consumidormoderno.com.br/2020/06/19/tiktok-popular-pandemia/

FELTES, Alessandra Fernandes; PACHECO, Denise Siqueira; HERRMANNJulia Cofferri; PINTO, Aline da Silva. Re-significando a prática docente em tempos de pandemia: transformando casas em salas de aula de dança. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-18, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

inapropriados ou espaços muito pequenos em suas residências, não se sentirem motivados, possuírem redes de dados instáveis ou insuficientes em seus aparelhos eletrônicos, entre outros.

O segundo era referente ao recebimento dos materiais encaminhados para os alunos: não sabíamos, muitas vezes, como eles estavam, se havia adesão às nossas aulas, se conseguiam realizá-las ou se tinham dúvidas em algum movimento. Por isso, foi encaminhado uma mensagem para que houvesse um feedback dos bailarinos e de suas famílias em busca de respostas para que pudéssemos melhorar a forma que nos organizamos. Esse processo foi enriquecido de sugestões, críticas, opiniões que nos fizeram adaptar e seguir aperfeiçoando nossa maneira de chegar até os alunos (PACHECO, 2020).

Além disso, nós professoras também enfrentamos algumas dificuldades referente as gravações, edições e envios (demanda de tempo para organizar e realizar todos os processos, barulho externo, familiares convivendo na casa, por vezes no mesmo espaço, câmera não bem posicionada, tamanho do cômodo reduzido, falta de espaço e memória no celular, entre outros).

Corroborando com essa perspectiva, Antunes Neto (2020) cita que a pandemia expôs o convívio das diferentes realidades em que o docente se encontra permeado, pois são diversos alunos nas suas distintas residências, com seus familiares, com ou sem seus aparatos de tecnologia e distinções de acessibilidade à internet. Essas ponderações nos levam a repensar metodologias de ensino e até mesmo a forma como nos organizamos para levar a dança até eles.

No início de abril, após 15 dias de isolamento em casa, percebemos a necessidade do suporte emocional, tanto para nossos alunos quanto para nós, professores afastados de nossas rotinas. Sabemos que o processo de ensino-aprendizagem passa pelo afeto.

Estar atravessando uma das crises sanitárias mais graves da humanidade, tornou-nos emocionalmente mais frágeis. Professores tinham a necessidade de

FELTES, Alessandra Fernandes; PACHECO, Denise Siqueira; HERRMANNJulia Cofferri; PINTO, Aline da Silva. Re-significando a prática docente em tempos de pandemia: transformando casas em salas de aula de dança. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-18, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

proporcionar situações em que a dança pudesse acontecer mesmo em condições adversas. No entanto, muitos alunos vinham demonstrando sinais de tristeza, ansiedade, apatia, desesperança, condição que impedia a motivação pela realização das atividades propostas. Então, promovemos uma carreata pelas ruas da cidade, passando em frente à casa de nossos alunos, mostrando que estávamos ali por eles, com cartazes nos carros, música, buzinaços e acenos.

Conforme Nanni (2003, p. 81), "a figura do professor, dotado de simpatia, empatia e motivação, poderá se constituir em efetivo aporte de inter e intra-relação social-afetivo. Esse aspecto destaca-se por constituir parte efetiva do processo de ensino-aprendizagem".

Após a realização da carreata, alunos, professores, famílias sentiram-se acolhidos em suas dificuldades emocionais. Ter sido visitado pelos professores e alunos mais antigos da escola demonstrou a importância social de cada um para nós. Termos trocado acenos e olhares bastou para uma (breve) retomada na motivação.

Ao sair das atividades presenciais com a supervisão da professora para as suas casas, se fez necessário adaptações, tanto na forma de apresentar os conteúdos, como na maneira de dinamizar o tempo com as nossas produções. Após um mês de aula no ensino remoto, notamos a necessidade da utilização de recursos que os praticantes tivessem em casa de forma diferente com que estavam habituados, nos levando a perceber que o processo de ensino-aprendizagem se transformava em algo novo.

Segundo Marques (2010b), o modo com que a dança é ensinada, ou seja, as metodologias adotadas podem fazer com que esse potencial da arte seja ou não transformador para os cenários sociais. É preciso trabalhar com ela interagindo com o mundo exterior, já que é uma ferramenta poderosa para compreender, criticar e recriar o que está ao redor.

FELTES, Alessandra Fernandes; PACHECO, Denise Siqueira; HERRMANNJulia Cofferri; PINTO, Aline da Silva. Re-significando a prática docente em tempos de pandemia: transformando casas em salas de aula de dança. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-18, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

Por isso, no mês de abril as videoaulas tornaram-se mais interativas e recreativas e foram postadas no Youtube. Nessa perspectiva, foram propiciadas aulas que estimulassem os alunos a desbravar os cômodos de suas casas (sala, cozinha, quarto, banheiro)[12], ou também que utilizassem objetos como cama, sofá, almofadas, bichos de pelúcias, panelas, cabo de vassoura, cadeira etc. Para crianças de 2 a 6 anos criou-se aulas temáticas de princesas (Moana, Cinderela, Pequena Sereia, Rapunzel, Fadas e Frozen), procurando captar a atenção delas.

Essas estratégias foram pensadas com o propósito de proporcionar aos alunos possibilidades incabíveis em sala de aula presencial. Isto é, somente nesse período poderíamos usufruir de um sofá e/ou cômodo de casa por aluno, interagir com os recursos tecnológicos possíveis e por isso, houve esse investimento de tempo, espaço e conhecimento para criar esse conteúdo.

A partir deste entendimento, conseguimos também motivar os alunos de outra forma, pois estariam engajados nas novas experiências que eles iriam se permitir aprender, experienciar e trabalhar com a dança. A seguir estão algumas imagens destes trabalhos:

Imagem 2 – Registro da aula na cozinha nomeada "Acomodando nos cômodos"



Fonte: Canal de Youtube da professora.

[12] Alguns destes trabalhos também foram considerados e aprovados como conteúdo Artístico-cultural financiado com recursos do Fundo Municipal de Cultura de Novo Hamburgo – FUNCULTURA e inspiraram outras produções para o Projeto FAC Digital RS da Universidade Feevale.

Imagem 3 – Registro dos processos de criação da aula no sofá



Fonte: Canal de Youtube da professora.

Imagem 4 – Videoaula de ballet de Frozen



Fonte: Canal de Youtube da professora.

Em abril, também tivemos a produção de um vídeo dos trinta dias de isolamento social – relembrando momentos que dançamos em casa - e outro comemorativo ao Dia Internacional da Dança (29 de abril) com imagens de alunos e professores dançando nos mais variados cenários de suas casas. Quase no final do

FELTES, Alessandra Fernandes; PACHECO, Denise Siqueira; HERRMANNJulia Cofferri; PINTO, Aline da Silva. Re-significando a prática docente em tempos de pandemia: transformando casas em salas de aula de dança. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-18, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

mês, iniciaram as aulas-teste por um aplicativo de videoconferências: o Zoom[13], pois sentiu-se a necessidade da interação com os alunos para diminuirmos nossa saudade, mesmo que as condições não eram perfeitas.

Por isso em maio opta-se pelas aulas síncronas no Zoom, tornando-se o aplicativo nosso maior aliado nas aulas. Desconsideramos a falta de sincronia, os ângulos ruins e a dificuldade em ver o movimento por completo, pois entendíamos o quão necessário era o vínculo social entre os envolvidos perante o isolamento social. Esse encontro virtual, muitas vezes, foi o afago ou o afastamento de um momento ansioso que os praticantes viviam. Sobretudo, era uma oportunidade de troca, novamente, com os seus amigos e conosco, seus professores.

Percebemos que vivenciávamos uma adaptação constante e com isso, a renovação se fazia necessária para mantermos nosso público interessado naquilo que era apresentado a ele. Naquele espaço experienciamos diferentes ideias: aulas com propostas divertidas e inovadoras; espaço para longas conversas; jantares coletivos; gincanas; festas temáticas são alguns exemplos. Contudo, os desafios não cessavam: houve problemas de conexão de internet causadas pelo mau tempo ou chuvas intensas, problemas de falta de luz, alunos sem câmeras ou com elas desligadas; imagens dos alunos captadas parcialmente, devido ao tamanho dos cômodos em casa e, consequentemente, pouca distância para filmagem (PACHECO, 2020).

Ainda, em maio, tivemos a participação da Maria Bailarina, em conjunto com outras escolas do Brasil, na organização do Festival online Todos pela Dança[14]. O objetivo deste evento era movimentar os bailarinos em casa e motivá-los a seguir dançando. Alguns de nossos alunos participaram e a escola teve nove coreografias nos representando, o que consideramos muito significativo. Para Marques (2007,

[13] Programa de software de videotelefonia desenvolvido pela Zoom Vídeo Communications.
[14] O festival ocorreu do dia 29 de maio à 21 de junho e foi uma competição criativa. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCBF3JVuMdKVX1zKSvyWnRUA

FELTES, Alessandra Fernandes; PACHECO, Denise Siqueira; HERRMANNJulia Cofferri; PINTO, Aline da Silva. Re-significando a prática docente em tempos de pandemia: transformando casas em salas de aula de dança. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-18, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

tradução nossa), os professores também devem encorajar os alunos a experimentar e criar suas próprias danças. Permitir e encorajar o processo de criação em sala de aula constrói pontes diretas para uma forma mais criativa, responsável e ativa de viver suas vidas diárias[15].

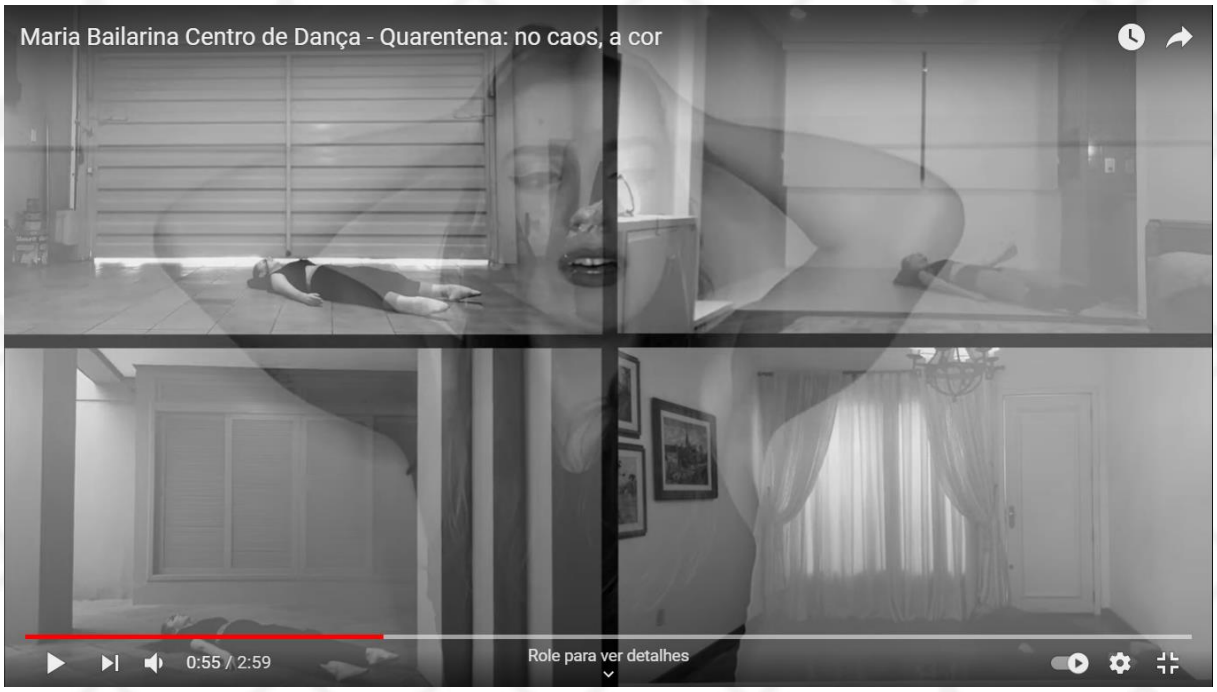
Conforme Silva (2005), a dança não se trata apenas de um corpo físico no espaço, mas um corpo que pode expressar e provocar uma gama variada de emoções e sensações. A coreografia pode ser uma técnica de criação com resultados altamente simbólicos e, como tal, ligada a processos subconscientes. O produto coreográfico, seja ele menos ou mais descritivo, pode atingir níveis consideráveis de abstração. O olhar é múltiplo e muitas leituras são possíveis.

Nesse caso, especificamente acerca da turma de jovens de 16 a 22 anos no código de dança contemporânea com a coreografia "Quarentena: no caos, a cor", percebemos que a criação coletiva entre eles teve grande importância, pois elas através do Zoom, se organizaram com os ensaios para construir juntas os processos que permeiam essa produção, como: decidir os figurinos, definir e realizar a filmagem (cada uma em sua casa) e por fim, finalizar editando e compondo o trabalho final.

Para Marques (2010a), a dança é considerada uma das múltiplas redes de relações que se formam em sociedade por ser uma linguagem artística, uma forma de ação sobre o mundo. Por isso, esse trabalho destaca-se pela oportunidade que elas tiveram para se expressarem e o usufruírem para externar e lidar com os sentimentos que estavam experienciando naquele período de isolamento social. Segue abaixo um recorte da expressividade desenvolvida na coreografia:

[15] Teachers should also be expected to encourage students to experience and create their own dances. Allowing and encouraging the inventive process to happen in the classroom builds direct bridges to a more creative, responsible and active way of living our everyday lives.

Imagem 5 – Coreografia "Quarentena: no caos, a cor"



Fonte: Canal do Youtube do Festival online Todos pela Dança.

Ressalta-se que entendemos a coreografia, como um processo de criação, reconhecendo as estruturas de conexões estabelecidas entre os corpos em cena que, desdobradas em movimento, tornam-se a própria dança e que, estabelecendo relações com os elementos presentes (música, cenário, espaço etc.), constitui em si a obra de dança. Assim, ela ocorre em um percurso no qual a troca entre os participantes irá gerar uma materialidade criativa (MOOJEN; PURPER, 2014).

No final de maio, de acordo com anúncios do governo do estado do Rio Grande do Sul e prefeitura de Novo Hamburgo, poderíamos começar a organizar nossa retomada de atividades presenciais, obedecendo um rígido protocolo de higiene e distanciamento social, que só ocorreu no dia 15 de junho (PACHECO, 2020). A escola organizou-se para receber novamente os alunos, os professores foram orientados a seguir um protocolo e a ter um treinamento de como proceder,

FELTES, Alessandra Fernandes; PACHECO, Denise Siqueira; HERRMANNJulia Cofferri; PINTO, Aline da Silva. Re-significando a prática docente em tempos de pandemia: transformando casas em salas de aula de dança. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-18, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

máscaras personalizadas foram criadas e pudemos atuar na escola em uma nova modalidade, a transmissão do ensino híbrido presencial e online/domiciliar.

Este ensino só foi possível porque cada professora já possuía seu instrumento de trabalho (celular, tablet ou computador) que permitia a transmissão simultânea para aqueles que permaneciam em casa. Contudo, após uma semana de aula, as escolas de cursos livres não poderiam operar de forma presencial por causa da bandeira vermelha em que a cidade se encontrava.

Foi somente em agosto que pudemos retomar nossas aulas presenciais em forma de rodízio (de forma escalonada, os alunos eram divididos e intercalados nas aulas na escola), para não haver aglomerações. Aos poucos, sempre atentas às liberações e instruções dos decretos municipais e estaduais, houve a liberação para que, com distanciamento social e máscara, as turmas pudessem estar completas, havendo um número expressivo de alunos na escola.

Ao refletir acerca dos registros escritos, Trindade e Valle (2007) evidenciam que quando lidos, eles são “re”-visitados, despertando os sentidos, instigando o pensamento com as imagens e movimentando nossas histórias e nos aproximando de qualquer época e lugar. As autoras enfatizam que é obrigação e responsabilidade de cada geração, à sua maneira, contribuir de alguma forma para o acréscimo do conhecimento humano.

Por fim, entende-se que esse é um breve recorte com o intuito de contribuir para a área da Dança e garantir que todos os aprendizados deste ano estejam documentados. Conforme citado anteriormente elaborou-se o vídeo documentário como um relato próximo de como enfrentamos o desafiador ano com depoimentos de alunos, professores e familiares; e o livro, que é a costura/compilação entre os relatos documentados desde março por meio de mensagens de WhatsApp, registros fotográficos feitos pelas famílias e bailarinos, postagens em redes sociais e notícias que veicularam na mídia sobre as propostas lançadas pela escola.

FELTES, Alessandra Fernandes; PACHECO, Denise Siqueira; HERRMANNJulia Cofferri; PINTO, Aline da Silva. Re-significando a prática docente em tempos de pandemia: transformando casas em salas de aula de dança. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-18, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação passou por muitos ajustes neste ano e, especificamente, ao pensar na Dança e em como ela aconteceu no ano de 2020, é possível que este momento aponte para novas perspectivas na prática da dança e nos processos de ensino-aprendizagens,no que tange a postura resiliente dos professores e da capacidade criativa daqueles que não mediram esforços para levar a arte para dentro das casas de seus alunos e consequentemente, da sociedade.

A partir deste relato percebemos que a dança foi praticada com o objetivo de viver a arte e abordá-la com potencial para compreender, criticar e recriar o nosso cotidiano. Mesmo que a pandemia ainda esteja acontecendo, houve esse esforço em marcar os acontecimentos que guiaram nosso ano de trabalho e arquivar as experiências dançadas em tempos de isolamento social. Nossos processos de ensino-aprendizagem se transformaram e adquiriram outra significância.

Compreende-se que a dança é uma área de conhecimento que deve investir cada vez mais em sua consolidação, na divulgação de seus trabalhos e ser ativa no que se refere aos registros e posturas que assume através das produções de conteúdo que realiza. Fica evidente a importância e a necessidade de envolvermos a dança na sociedade e sermos referência enquanto agentes de mudança cultural e social, através do trabalho desenvolvido.

Referências:

ANTUNES NETO, Joaquim M. F. SOBRE ENSINO, APRENDIZAGEM E A SOCIEDADE DA TECNOLOGIA: POR QUE SE REFLETIR EM TEMPO DE PANDEMIA? *Revista Prospectus: Gestão e Tecnologia,* Itapira, v. 2 n. 1, p. 28-38, Ago/Fev, 2020.

BARBOSA, Andre Machado; VIEGAS; Marco Antônio Serra; BATISTA, Regina Lucia Napolitano Felício Felix. AULAS PRESENCIAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. *Revista Augustus,* Rio de Janeiro, v. 25, n. 51, 2020.

DANTAS, Mônica Fagundes. *Dança:* o enigma do movimento. Curitiba: Appris, 2020.

MARQUES, Isabel. I see a kaleidoscope dancing: understanding, criticizing, and recreating the world around us. In: ROUHIAINEN, L. *Ways of knowing in dance and art.* Helsinki: Theatre Academy, 2007. p. 144-158.

MARQUES, Isabel. *Linguagem da dança.* Arte e ensino. 1. ed. São Paulo: Digitexto, 2010a.

MARQUES, Isabel. Algumas perguntas sobre dança e educação organização. In: TOMAZZONI, A.; MARINHO, C. W. N. (Org.). *Dança e Educação.* Joinville: Nova Letra, 2010b.

MOOJEN, Alexandra de Castilhos; PURPER, Raquel. Estudos coreográficos no ensino superior de dança. *Revista de Ciências Humanas*, Viçosa, v. 1, n. 14, p. 121-129, 2014.

NANNI, Dionísia. *Ensino da Dança*. Rio de Janeiro: Shape, 2003.

NOGUEIRA, Ana Carolina Ribeiro. Experiência artística na formação docente em artes visuais: uma cartografia sobre os percursos formativos de estudantes em graduação. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01-20, ano 20, nº 43, outubro/dezembro de 2020. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 20 de dezembro de 2020.

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de; et al. “Cada um no seu quadrado”: Processos artísticos em tempos de isolamento domiciliar*. Revista UFG*, v. 20, n. 26, 2020.

PACHECO, Denise. *Como a dança aconteceu em 2020.* Novo Hamburgo: Ed. da Autora, 2020.

SOARES, Andréa Cristiane Moraes Soares. *Bailarinos anfíbios no campo da grande produção em dança:* processos de hibridização na Companhia Municipal de Dança de Porto Alegre. 2018.Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

TRINDADE, Ana Lígia; VALLE, Flavia Pilla do. A ESCRITA DA DANÇA: UM HISTÓRICO DA NOTAÇÃO DO MOVIMENTO. *Movimento (ESEFID/UFRGS),* Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 201-223, set. 2007.